

A AMAZÔNIA BRASILEIRA SOB O ÂNGULO MILITAR

Ten.-Cel. TASSO VILLAR DE AQUINO

Sem que constitua, pelas naturais dificuldades, problema inabordável, ou impenetrável mistério, como, ainda nestes dias, muita gente de responsabilidade teima em reconhecer, a Amazônia apresenta, entretanto, particularidades que não admitem enquadramento em fórmulas gerais, exigindo, ao contrário, conhecimento e compreensão, que só o contacto directo com a região asseguram.

O próprio espaço amazônico não obedece a fronteiras, alargando-se ou reduzindo-se conforme o prisma sob que a região é encarada.

O conceito de Amazônia é, portanto, variável, o que chega a parecer paradoxal, quando se sabe que a Amazônia constitui uma das mais bem definidas, mais características e mais individualizadas regiões geográficas do Globo. Nessa variedade, entretanto, um elemento se apresenta constante: a vastidão da área.

Politicamente integram a Amazônia, os Estados do Pará e Amazonas: os territórios de Amapá, Rio Branco, Acre e Rondônia. É a "Amazônia Clássica", ponto de partida para a determinação das demais.

Sob o aspecto económico a área amazônica se alarga, abrangendo a "Amazônia Clássica" e mais partes dos Estados de Mato Grosso, Goiás e Maranhão, respectivamente, ao norte dos paralelos de 16° e 13° e a oeste do meridiano de 44°.

É a Amazônia Económica, oficialmente reconhecida e enquadrada no Plano de Valorização Económica da Amazônia. Suas fronteiras foram traçadas com base em abalizados estudos especializados, como o da "Sociedade dos Amigos de Al-

berto Tôrres", o do Conselho Nacional de Geografia, em valioso trabalho do Professor Lúcio de Castro Soares; o do relator do Plano de Valorização Económica da Amazônia, no Senado, o Senador Alvaro Adolfo.

Cada um desses trabalhos fundamentou-se em critério diferente, ou seja o geodésico, o fisiográfico e o fitogeográfico, respectivamente, tendo, portanto, chegado a resultados também diferentes quanto à área que deveria enquadrar a Amazônia Económica.

O conceito hidrográfico nos conduz a uma outra Amazônia, admitindo alargamento em certas áreas e reduções em outras, mas, de qualquer forma, ampliando o espaço, em relação ao conceito económico.

A Amazônia Militar praticamente se confunde com a "Clássica". Suas particularidades e características nos impõem o reconhecimento de que a Amazônia constitui um teatro de operações à parte. Querer desconhecer essa verdade ao encerrar os problemas de ordem militar, querer ligá-la a qualquer outro teatro, desprezando suas particularíssimas condições, é dar soluções militares descabidas, sem objectividade.

Vista em conjunto, a Amazônia apresenta, além da vastidão, as seguintes marcantes características:

— o aspecto hidrográfico, retratado na imensa calha coletora do Rio Amazonas, que atravessa a região de W — para L, dividindo-a em duas partes desiguais: a do norte muito menos larga que a do sul, e nos seus numerosos e caudalosos tributários;

— o aspecto fitogeográfico, dado pela inconfundível Hiléia Brasileira,

por si só capaz, como também a hidrografia, de dar singularidade à região:

— a grande penetração continental, constituindo fronteira com quatro países su-americanos e três colônias europeias;

— a muito fraca densidade demográfica (menos de 0,5 hab. por km²), tornando-a a área mais despovoadas do país;

— a configuração topográfica, preponderantemente plano, com fracas alturas ao norte e ao sul;

— o clima quente e muito úmido, com frequentes precipitações torrenciais e inundações anuais periódicas.

Ao lado desses aspectos marcantes da região, convém assinalar a sua formação geológica, que se apresenta com a imensa planície sedimentar, de forma de garrafão deitado, em que a bacia está voltada para o Atlântico; limitada ao norte e ao sul por grandes áreas de terrenos antigos do arcaico, principalmente, e do algonquiano. Nessa planície sedimentar predominam, geralmente, os terrenos terciários, seguidos dos quartezários e de faixas de siluriano e carbonífero, estas nos Estados de Amazonas e Pará; de manchas do cretáceo no Território do Acre e Estado do Maranhão, e do triássico, particularmente nos Estados de Mato Grosso e Goiás.

Quanto ao desenvolvimento de operações militares, o Todo Amazônico comporta duas regiões distintas:

— a região Leste;

— a região Oeste. Cada uma com condições geográficas próprias; diferente situação quanto a emprêgo e possibilidades de possíveis adversários; exigindo, portanto, de nossa parte, meios e emprêgo diferentes.

O limite entre essas duas regiões poderá, a grosso modo, ser reconhecido como em Santarém, ponto de particular importância, não só pelas facilidades portuárias, como pela existência de bom aeroporto, e, principalmente, por permitir, de futuro, a ligação Santarém-Cuiabá,

através a BR 16, do Plano Rodoviário Nacional, que nos livrará da atual servidão da ligação Norte-Sul, apenas pelo Atlântico.

A região Leste apresenta como características principais:

— extenso litoral atlântico, da fôz do Rio Gurupí ao Cabo Orange;

— os pontos-chaves de Belém e Macapá, que controlam a navegação para o interior da Amazônia, oferecem boas condições portuárias e outras vantagens militares;

— maior densidade de população;

— ferrovias ligando Belém a Bragança, próximo ao litoral, e o novo porto, do Território de Amapá, à região do manganês, na Serra do Navio;

— rodovias, de rendimento apreciável, ligando Belém ao litoral, e Macapá à localidade de Oiapoque, esta última rodovia ainda em vias de conclusão.

Nessa região, o litoral ao norte da fôz do Rio Amazonas, constituído pela costa do Território do Amapá, é de muito difícil acesso, pois está ainda em plena formação. "No Oceano, a linha de 65 metros de profundidade fica a 55km da costa". A ponta NE da Ilha de Maracá, oferece o único fundeadouro seguro para navios. O Rio Oiapoque, linha divisória do Brasil com a Guiana Francesa, permite navegação franca até a localidade de Santo Antônio, logo a NE da de Oiapoque, onde vai ter a rodovia Macapá-Oiapoque, já trafegável até Calçoene.

Macapá poderá, portanto, ser atingido através o Rio Amazonas (canal do norte) e pela rodovia Oiapoque-Macapá, esta última em futuro próximo.

Ao sul da embocadura do Amazonas, embora a costa se apresente muito mais recortada, não é fácil, contudo, o acesso, pelos mangais e tijucos que ela oferece.

O acesso franco a Belém dá-se pela baía de Marajó — Rio Pará — baía de Guaiará. Belém poderá ser atingido também através pontos de litoral, como Salinópolis, ou dele pouco afastados, como Bragança, e mesmo partindo da Ilha de Marajó.

Em face dos fatores de ordem geográfica apontados na região do Leste amazônico, é fácil concluir que a conquista dos pontos-chaves exige o emprego de fortes meios navais e aéreos, que permitam a aproximação e o desembarque, e meios terrestres para a posse dos mesmos.

Como consequência, o equipamento militar na região Leste amazônico deverá caracterizar-se:

— presença de poderosos meios navais e aéreos para fazer face à ação adversária desde o mais longe possível;

— defesa a todo custo, dos pontos-chaves de Belém e Macapá, e manutenção de pontos importantes sobre as vias de acesso a esses pontos-chaves.

As condições do terreno, nessa parte da Amazônia e as rodovias existentes, indicam o BC como unidade básica e admitem o emprego limitado de blindados.

Convém ressaltar, que a natureza do clima quente e muito úmido, e, por isso mesmo, "debilitante e enervante", exige da tropa, proveniente de outras regiões do Brasil, adaptação, que não deve ser desprezada.

Além disso, essas mesmas condições de clima e mais as frequentes torrenciais precipitações a que a região está sujeita, impõem medidas de proteção para o material e adaptações em relação ao uniforme e equipamento da tropa.

* *

O Oeste amazônico apresenta maiores particularidades, nele incidindo em cheio as características especiais que diferenciam a região amazônica, no conjunto brasileiro.

A natureza e possibilidades atuais dos países limítrofes, nessa parte da Amazônia, ao lado das naturais dificuldades que ela oferece a operações ofensivas de vulto, tornam o Oeste amazônico de mais fácil defesa que o Leste, exigindo menor contingente de tropa, meios muito menos importantes e causando, portanto, menores preocupações de ordem militar. Por outro lado, como

veremos, a tropa aí empregada deverá ser da própria região; armada, equipada e uniformizada, de acordo com as restrições impostas pelas singulares condições locais.

Caracterizam o Oeste amazônico:

— a continuidade da Hileia Brasileira, determinando a existência de extensas áreas passivas entre os rios navegáveis;

— os caudalosos rios navegáveis, cujas nascentes estão nos países vizinhos e que penetram profundamente na Amazônia;

— a região-chave Manaus-Itacoatiara, onde vêm ter todas as vias de acesso ao interior da região, constituídas pelos rios;

— a ausência de rodovias de valor militar e de ferrovias, a exceção da Madeira-Mamoré, no Território de Rondônia, contornando os numerosos obstáculos que impedem a navegação do Rio Madeira, nesse trecho;

— a mentalidade anfíbia dos habitantes da região, resultante de constituírem os rios as vias normais de circulação, ficando dos mesmos dependentes toda a atividade humana, individual ou coletiva, através os meios de transporte, que variam da ubá ao transatlântico;

— o clima quente e muito úmido, com aguaceiros frequentes e inundações anuais periódicas, estas mantendo alagadas, durante vários meses, grandes áreas da floresta adjacente aos rios;

— a fraquíssima densidade demográfica.

Convém salientar, desde já, que a floresta amazônica constitui áreas passivas, não porque impeça o movimento no seu interior, mas por não permitir o tráfego indispensável ao apoio logístico às tropas combatentes; pela sua continuidade e, sobretudo, pelas fracas possibilidades financeiras dos nossos vizinhos, que lhes não permitem meios para, em pouco tempo, abrirem estradas de rendimento militar através tamanha amplitude. O movimento de pequenos efetivos, de valor até Batalhão, com apoio logístico baseado no transporte em lombo de animais, é perfeitamente possível, pela na-

tureza da floresta, em geral constituída de árvores de troncos retos, porte gigantesco e, relativamente, reduzido diâmetro; providas de galhos à grande altura; com pouca vegetação rasteira que, pela falta de luz solar, não encontra condições favoráveis para sobreviver. Sobre o solo, espessa camada de folhas mortas e troncos podres, que constituem o adubo natural para o terreno, em geral fraco.

O facão de mató, para afastar pequenos obstáculos vegetais, sob a forma de cipós, geralmente, presta, nessa floresta, inestimável serviço.

Na imensa região do Oeste amazônico, em razão da capital importância que assumem os rios navegáveis, constituem pontos críticos dignos de menção os que criam servidões nas condições de navegabilidade dos rios, que asseguram acesso para o interior da região, partindo de territórios limítrofes.

São êles:

— Caracará, no alto Rio Branco, onde a Cachoeira do Bemquerer, logo ao norte, barra a navegação franca do rio, permitida à montante, em condições já inferiores;

— Uaupés, no alto Rio Negro, onde a cachoeira do mesmo nome cria no rio condições semelhantes à do Bemquerer, no Rio Branco;

— Porto Velho, Guajará-Mirim e Abunã, sobre a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que dá continuidade à via do Rio Madeira.

Para alcançar a região-chave, partindo de qualquer dos países limítrofes, é necessário percorrerem-se distâncias enormes, sobre eixos fluviais, o que constitui um coeficiente favorável de alta valia para a defesa da região, quando se sabe que não é lícito atribuírem-se, naquela parte da Amazônia, grandes possibilidades aos meios de combate ofensivo.

Em consequência, nosso equipamento militar de defesa do Oeste amazônico deverá ter em vista:

— vigilância da extensa fronteira, em pontos que assinalem a penetração em território nacional, dos rios navegáveis vindos do exterior,

ou outros militarmente importantes sobre os rios ou fora deles;

— defesa de pontos críticos sobre as vias de acesso;

— defesa, a todo custo, da região Manaus-Itacoatiara;

— a presença de elementos navais e aéreos, adequados à região, tendo em vista a cooperação com as forças terrestres. No setor aeronáutico são indicados os aviões anfíbios e o helicóptero.

As condições do terreno, a inexistência de rodovias de rendimento militar, indicam o BC como unidade de emprégo nas regiões particularmente importantes; ao mesmo tempo que barram qualquer atividade de elementos blindados e de meios auto. Nessa região o transporte terá de se basear nos meios fluviais, no helicóptero e mesmo no lombo de animais.

As condições locais impõem às tropas de vigilância e às encarregadas de defesa de pontos críticos, uma perfeita adaptação à região, além de alta especialização quanto ao combate na selva e à guerrilha, a que deverão recorrer quando a situação não permitir mais a permanência nos postos a elas confiados. As mesmas razões exigem para essas tropas armamento, equipamento, uniforme, meios de comunicação e de transporte, especiais; além de eficiente apoio logístico, que lhes permita a ação isolada, por tempo prolongado.

O armamento individual deverá ser próprio para o tiro à curta distância, que é o do combate na selva, e o coletivo também leve e de fácil transporte. São indicadas como armas coletivas: o FM e a Mtr Madsen, o Mtr 60mm, e mesmo o Lanção-Rojão, ou outro meio de fácil condução, para o emprégo contra embarcações. Como armas individuais recomendam-se: a carabina .30, a Mtr de mão cal. 45, a pistola ou revólver, o facão de mató e a faca de trincheira.

O equipamento e o uniforme deverão ter em vista facilitar o deslocamento na selva, evitando o ruído e o embaraço na vegetação, e responder, além disso, às exigências de proteção nas condições es-

peciais da selva, do calor e umidade excessivos. Nessas condições são indicados os tecidos de algodão leve e resistente, o emprêgo da lona de boa qualidade e da borracha, em substituição ao couro. O formato do uniforme deverá, além disso, permitir a livre circulação do ar, fugindo aos modelos colados ao corpo, como a túnica e camisa de instrução atuais.

Os meios de transporte deverão ser embarcações leves e velozes, adaptadas às particularidades dos rios, com capacidade para um GC, cada uma; bem como animais, para o transporte na selva.

As comunicações encontrarão no rádio, nos meios óticos e pirotécnicos, o funcionamento mais eficaz.

* *

Dentro do quadro do Oeste amazônico que vimos apreciando, há dois aspectos que merecem especial destaque:

— o que diz respeito à navegabilidade do Rio Negro, cortado, como sabemos, na Cachoeira de Uaupés, antiga São Gabriel;

— o referente à região norte do Território de Rio Branco, que se apresenta como uma solução de continuidade na exuberante Hiléia Brasileira.

Quanto ao primeiro, foi cogitado, durante a última guerra, a destruição ou desbordamento da Cachoeira de Uaupés, por meio de obras de engenharia hidráulica de vulto, que tornariam o Rio Negro inteiramente navegável. Dessa forma Manaus ficaria ligada ao Atlântico pela Venezuela, através Rio Negro — Canal de Cassiquiare — Rio Orenoco, após obras de menor vulto também no canal de Cassiquiare.

O objetivo era facilitar o escoamento de materiais estratégicos para os nossos aliados, reduzindo, de muito, a distância entre as fontes provedoras e o destino.

Essa solução, muito simpática à primeira vista, não responde, positivamente, aos interesses nacionais, por duas razões: uma de ordem militar, outra econômica.

A Militar: abrir-se-ia mais uma via de acesso franca a Manaus, partindo do Atlântico, o que, declaradamente, não nos convém, principalmente se atendermos para a nossa situação de potência fraca militar e economicamente. É, portanto, desaconselhável desprezarmos o valioso auxílio que a Natureza nos proporcionou, barrando, em Uaupés, o acesso para o interior da Amazônia.

A Econômica: A ligação Manaus-Atlântico, através a Venezuela, desviaria de Belém toda ou quase toda atividade comercial com o exterior, provocando a decadência, não só de Belém, como de toda a região compreendida entre Manaus e Belém, via Rio Amazonas; tudo em benefício da Venezuela.

Esse aspecto está muito bem focalizado em objetivo trabalho do Coronel Adalardo Fialho, sob o título "Conservemos nosso mundo Amazônico", reunido na obra "Problemas do Brasil", do mesmo autor, publicado pela Biblioteca do Exército (Maio-Junho de 1952).

O outro aspecto é o proporcionado pela natureza da região norte do Território de Rio Branco, com natural reflexo sobre o equipamento militar naquela região.

Do Rio Mucajá, pouco ao sul de Boa Vista, para o norte, a floresta, no Território de Rio Branco, cede lugar aos campos, que penetram pela Venezuela e Guiana Inglesa. Nessa extensa região, desprovida de boas estradas, que se tornam impraticáveis na época das chuvas, o movimento é facilitado através campo, em condições semelhantes às encontradas no Rio Grande do Sul, na zona fronteira ao Uruguai e Argentina.

Nessas condições, só elemento capaz de deslocamento através campo, em quaisquer condições de tempo, poderá assegurar, na região, uma vigilância eficaz.

Esse elemento é a cavalaria hipo.

É claro que a presença de cavalaria hipo na Amazônia exigirá algumas medidas preliminares, como sejam, a criação de Estabelecimentos de Remonta em locais indicados,

tendo em vista a melhoria do rebanho cavalari existente, particularmente quanto à altura; e o plantio de forragem, de forma que se possa basear, na região, o fornecimento de animais para as unidades. As regiões indicadas para a criação de Estabelecimentos de Remonta na Amazônia são a Ilha de Marajó, particularmente Soure, e o Território de Rio Branco, na zona de campos, por já existirem em ambas condições favoráveis à criação desses estabelecimentos, como sejam: rebanho cavalari quantitativamente compensador, mentalidade e condições locais favoráveis à criação do cavalo e ao recrutamento do pessoal para os Estabelecimentos e Unidades Hípo, etc.

Nesse particular a atual situação militar da Amazônia e, com maior razão, a que deverá atingir futuramente, já aconselham a criação na Ilha de Marajó (Soure), de um Estabelecimento de Remonta.

Para finalizar as já longas considerações que contém este trabalho, seja-me permitido acentuar que a situação política internacional, que nos autoriza admitir a possibilidade de rompimento de um conflito armado entre o Ocidente e Oriente, com reflexos diretos sobre a região; bem como a importância econômica que, dia a dia, assume a Amazônia, sobretudo com a orientação e o apoio da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, não nos asseguram um futuro muito tranquilo para a Amazônia, forçando-nos a reconhecer naquela região uma crescente importância, que nos aconselha a estarmos adequada e eficientemente presentes, como Forças Armadas, em um Teatro, onde poderemos ser levados a provar, na sua defesa, nosso valor, nosso patriotismo, nossa capacidade como Soldados do Brasil.